

daniela
arbex

**todo dia
a mesma
noite**

a história
não
contada
da boate
kiss



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



DANIELA ARBEX

Todo dia a mesma noite



Copyright © 2018 by Daniela Arbex

PREPARAÇÃO
Kathia Ferreira
Diogo Henriques

REVISÃO
Laís Curvão
Ana Grillo

ARTE DE CAPA
Thiago Lacaz

FOTOS
Marizilda Cruppe

REVISÃO DE E-BOOK
Vanessa Goldmacher

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0286-5

Edição digital: 2018

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

*Durmo nas imagens e lembranças.
As vozes se misturam na minha mente.
O tempo não passa.*

Paulo Tadeu Nunes de Carvalho, pai de Rafael, 32 anos, morto na boate Kiss

SUMÁRIO

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Epígrafe

Prefácio: Um inventário de afetos, por Marcelo Canellas

- I. *É guerra!*
- II. *Sinfonia da tragédia*
- III. *Histórias cruzadas*
- IV. *Um encontro inesperado*
- V. *Desaparecidas*
- VI. *Quando a política vem na frente da dor*
- VII. *O corpo número vinte*
- VIII. *Embarcando o filho*
- IX. *Penúltimo ato*
- X. *Com choro e sem vela*
- XI. *“Holocausto dos tempos modernos”*
- XII. *Abrindo os olhos*
- XIII. *Todo dia é 27*
- XIV. *Fechando os olhos*
- XV. *Quarenta segundos*
- XVI. *Tenda da resistência*

Agradecimentos

Fotos

Sobre a autora

Leia também

PREFÁCIO: UM INVENTÁRIO DE AFETOS

Marcelo Canellas

Kiss. O monossílabo em inglês, cujo som pronunciado nos entra pelo ouvido como o estalar de uma bitoca, agora trespassa sua acepção estrita. Seu significado literal se esvaziou de sentido. Tragédias são episódios tão avassaladoramente desconstrutivos da rotina esperada, tão perturbadoramente desarrumadores da ordem natural, tão violentamente instauradores da ruína e do caos, que nem mesmo a semântica se mantém de pé. Desde a madrugada de 27 de janeiro de 2013, a bela palavra *kiss* evoca dor, perplexidade, ganância, omissão, injustiça e tantos outros sentimentos e percepções inflados pela falta e pelo abandono. Estaríamos todos condenados ao pessimismo e ao desespero, se os escritores, com a força das grandes histórias, não nos restaurassem a humanidade solapada pelas catástrofes. É o caso deste livro espantoso. O talento de Daniela Arbex – já comprovado em suas obras anteriores, *Cova 312* e o best-seller *Holocausto brasileiro*, um fenômeno editorial medido em centenas de milhares de exemplares vendidos – recupera a tradição grega de buscar, naquilo que há de belo em uma grande narrativa, o alívio que nos conforta diante do trágico.

Para recontar a história das 242 vítimas da boate Kiss, incendiada naquela madrugada, Daniela Arbex recorre ao ponto de vista dos principais protagonistas do episódio: os sobreviventes, as testemunhas, os parentes das vítimas, os profissionais da saúde que atuaram no resgate e no atendimento em meio ao desastre. Pelos olhos dessas pessoas, a autora nos leva de volta ao 27 de janeiro, a uma Santa Maria atônita e incrédula que, antes de velar seus mortos, teve de juntar santinhos, notas de dinheiro dobradas, identidades, cartões de bancos, batons, chaves e celulares, muitos celulares. Num deles, o visor trazia, ao lado da palavra “mãe”, 134 chamadas não atendidas. Cada objeto desses diz muito sobre essas mães, sobre esses pais, seus filhos, e sobre uma cidade jovem, com vocação para acalentar sonhos, uma fábrica de projetos de vida, de aspirações, de futuro.

Ao ler o comovente final deste livro, imediatamente me veio à memória o desfecho de uma das mais impressionantes narrativas trágicas da literatura mundial. Homero encerra sua famosa *Ilíada* com uma cena magistral da guerra de Troia: enfurecido com a morte de seu amigo, o grego Pátroclo, abatido em combate pelo troiano Heitor, Aquiles parte para o campo de batalha. Tomado pela ira e pelo desejo de vingança, investe contra Heitor e o mata. Depois amarra o inimigo a um carro puxado por cavalos, arrasta-o pelo pó da planície até o acampamento grego, e ordena que o corpo permaneça insepulto para que cães famintos o devorem. Do alto das muralhas, os troianos assistem a tudo estarecidos. Os deuses do Olimpo também desaprovaram Aquiles, pois Heitor era um homem justo e merecia um sepultamento digno. Mas ninguém se desesperou mais do que Príamo, rei de Troia e pai de Heitor.

Eis então que Homero nos oferece a redenção: guiado por Hermes, o deus dos caminhos, Príamo deixa Troia e vai à procura de Aquiles no acampamento grego. Quando encontra o assassino de seu filho, o velho rei se ajoelha diante do inimigo e suplica: “Dá-me Heitor de volta, Aquiles! Pensa no teu pai, que deve te amar como amei meu filho”. O pranto de Príamo, de fato, faz Aquiles lembrar-se de seu pai, o velho Peleu, que ficara na Grécia e que jamais tornaria a ver. Comovidos, os dois se abraçam e choram juntos, não mais como inimigos, mas como representantes de todos os pais que não verão mais seus filhos e de todos os filhos que não verão mais seus pais.

É do valor da presença, da convivência, do amor pelos nossos filhos ou por nossos pais que lembramos quando nos vem à cabeça a tragédia da Kiss. O livro de Daniela Arbex trata justamente desse tipo de saudade. É um grande inventário de afetos, em que os vestígios de presença humana ainda estão espalhados por toda parte, em objetos que parecem depositários de vida, como um perfume preferido deixado sobre a pia de um banheiro, ou um sapato de salto alto lustrado para uma

feita, ou bilhetinhos com flores e corações pregados na geladeira da cozinha, ou nos quartos mantidos com luzes acesas nas madrugadas de Santa Maria da Boca do Monte. São afetos, sobretudo, perenizados em lembranças doces como a da menina que brincava de beijar peixes para transformá-los em príncipes encantados. O leitor encontrará aqui inacreditáveis exemplos de vilania e de falta de compaixão, mas também surpreendentes gestos de grandeza humana capazes de nos reconfortar. Este livro é uma recusa ao esquecimento. Ao tomá-lo nas mãos, você estará participando do imenso esforço coletivo para fazer da memória um instrumento de conforto e de respeito à dor alheia. Boa leitura.

I. É GUERRA!

O socorrista tirou uma toalha de papel do bolso do macacão azul e passou sobre a testa molhada. Do lado de fora da Unidade de Suporte Avançada (USA 24) do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu), ele procurava uma sombra. No início da manhã de sábado, dia 26, fazia 25 graus na sede da avenida Maurício Sirotsky Sobrinho. Logo, logo os termômetros chegariam a quarenta graus no município de Santa Maria, que experimentava um dos verões mais quentes da última década. Difícil acreditar que em pleno centro-oeste do Rio Grande do Sul pudesse fazer tanto calor quanto o registrado no Norte do Brasil. Mas não era só a temperatura que chamava a atenção naquele janeiro de 2013, e sim a falta de ocorrências.

Cobrando férias de um colega, Carlos Fernando Drumond Dornelles, 34 anos, médico do Samu, viu a semana de trabalho passar em branco. A USA 24 não fizera sequer um atendimento.

— Bah, doutor, tem algo muito estranho. Nunca vi nada tão parado. Vem alguma coisa por aí — comentou o técnico de enfermagem Felipe Cargnelutti Fontoura, 21 anos.

Formado pela Universidade Luterana do Brasil, Dornelles era avesso a adivinhações. Para quem passara seis meses e 21 dias trabalhando sem folga em missão do Exército entre as vítimas do terremoto no Haiti, que em janeiro de 2010 devastou a capital, Porto Príncipe, ficar parado não era sinônimo de mau presságio. Era apenas uma chance a menos de ajudar alguém. No entanto, ele também sentiu certa desconfiança em relação à ausência de chamadas, pois não estava acostumado a tempos de calma, ainda mais por sete dias consecutivos.

Após cumprir seu plantão no Samu de Santa Maria, o médico intervencionista entregou, às sete horas, o comando ao médico Pedro Copetti Dalmaso, 32 anos.

— Olha, Pedro, não está acontecendo nada. Tudo tranquilo nas últimas vinte e quatro horas.

— Sério, cara? Que estranho — respondeu Pedro, como se tivesse ouvido a conversa iniciada minutos antes de sua chegada.

— Bom trabalho aí pra vocês — afirmou Dornelles, despedindo-se com um sorriso. — Deixe-me ir, porque vou aproveitar o sábado com a Patrícia.

Passava das seis da tarde quando Pedro telefonou para Dornelles.

— Bah, depois de uma semana parada, a USA 24 saiu da sede. Acabamos de atender um baleado — comentou, como se Dornelles tivesse sido o “pé-frio” do serviço.

— Então parece que o caos voltou a Santa Maria — brincou Dornelles, afastando de vez a ideia “de que algo estaria prestes a acontecer”.

Após desligar o telefone, o médico começou a se arrumar para o encontro que havia marcado com dois casais de amigos, um deles também médico do Samu. Ele e a esposa, Patrícia Pelizzon, 29 anos, sabiam que precisavam chegar cedo para encontrar vaga no restaurante de carnes feitas na *parrilla*. E foi em noite regada a muita conversa e cerveja que o jantar aconteceu.

Antes de seguir de volta para casa, o socorrista e a mulher ainda passearam com seu Ford Eco Sport pelas ruas do Centro. O carro novo era uma baita conquista para alguém como Dornelles, que precisara da ajuda do Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) para pagar a Faculdade de Medicina. Em 2008, depois de concluir o curso, ele começou a devolver ao governo federal as parcelas investidas em sua formação.

Eram mais de onze da noite quando eles passaram de carro pela porta da boate Kiss, uma das mais concorridas do município, na rua dos Andradas, nº 1.925, no Centro. Naquele horário, a entrada estava vazia. Havia até vaga disponível no estacionamento do supermercado Carrefour, em frente à casa de shows.

Como todo mundo na região, Dornelles sabia que, em uma cidade como Santa Maria — com sete universidades privadas e uma federal, cujos cursos estão entre os mais disputados do Brasil —, a vida

noturna só começaria depois da meia-noite. Tarde demais para um médico que ficava pouco em casa por causa da rotina de plantões.

* * *

No instante em que o celular de Dornelles começou a tocar na madrugada de domingo, o relógio marcava três e meia. Patrícia acordou assustada, sentando na cama:

— O que é isso, Doc? — perguntou, chamando-o pelo apelido. — Quem pode estar ligando a essa hora da madrugada?

O socorrista pegou o aparelho e reconheceu o número gravado em nome de Pedro Copetti.

— O Pedro está me ligando do Samu. Alguma coisa aconteceu.

— Dornelles, pelo amor de Deus, tu estás em São Sepé? — indagou Pedro, aflito.

— Eu não viajei para a casa dos meus pais este fim de semana. Estou em Santa Maria — disse, acendendo a luz do quarto. — O que está acontecendo?

— Fogo, fogo, cara. Está cheio de gente!

— Calma, Pedro. Onde tu estás?

— Cara, é fogo! Vem pra cá pelo amor de Deus. Uma coisa horrível. Uma tragédia.

— Onde? — insistiu Dornelles, ao perceber a agonia do amigo.

— Na Kiss, na Kiss. Vem pra cá agora, vem pra cá agora!

Patrícia olhou preocupada para o marido. Mesmo estando longe do telefone, ela conseguia ouvir os gritos de Pedro.

— O que está havendo, Doc? Meu Deus do céu!

— Não sei, Patrícia. Eu acho que é um incêndio na Kiss. Deve ser uma coisa muito séria, para o Pedro me ligar — respondeu Dornelles, já procurando no quarto ao lado o macacão azul e as botas pretas, além do material de socorro.

— O que tu queres que eu faça? — perguntou Patrícia, sem coragem de ligar o computador em busca de notícias.

— Chama aquele taxista que nos atende de vez em quando — pediu Dornelles enquanto se vestia.

Antes de sair, ele abriu a geladeira e pegou três croquetes que estavam em uma vasilha de vidro, colocando os bolinhos no bolso do uniforme, um hábito de quem trabalha com situações de emergência e não sabe a que horas voltará para casa.

Minutos depois, um táxi estacionou na porta do prédio da rua Serafim Valandro.

— Tu queres ir para onde?

— Toca para a Kiss — disse Dornelles, que estava a cinco quadras da boate. — Sou médico do Samu.

— Ih, doutor, a coisa lá tá feia. Parece que houve um princípio de incêndio. Tá meio tumultuado, porque tem muita gente na frente. Os bombeiros foram para lá, mas eu acho que não é para tanto desespero — opinou o homem.

— Olha, amigo, eu acho que a coisa é séria. Tu podes andar mais rápido, por favor?

Faltavam cinquenta metros para chegarem à esquina da avenida Rio Branco com a rua dos Andradas quando o motorista parou o carro.

— Aqui é o melhor ponto para o senhor descer. Está muito cheio. Não consigo ir até lá.

Dornelles pagou a corrida de R\$ 8 e saltou do carro. Desceu a Andradas correndo e, de longe, ficou impressionado com a multidão que cercava a entrada da boate. Havia inúmeras pessoas gritando, transtornadas, e vários jovens caídos no chão recebendo massagem cardíaca de outras vítimas em melhor estado. Muita gente chorava. De longe, ele avistou o caminhão dos bombeiros e a ambulância da USA 24, que dispõe de uma Unidade de Tratamento Intensivo (UTI).

— Por onde começo, por onde começo? — perguntava Dornelles a si mesmo, em busca de equilíbrio.

Abrindo espaço entre as pessoas que bloqueavam a calçada, conseguiu chegar até a viatura do Samu, cujas portas traseiras estavam abertas. Naquele momento, Fabiano Miranda, 35 anos, enfermeiro do serviço, colocava um paciente em uma maca dentro do veículo, onde Pedro o aguardava.

— Pedro, o que tu precisas que eu faça?

— Me ajuda aqui, porque tenho que entubar este garoto.

Dornelles olhou para o rapaz, tão jovem, e percebeu que ele estava gaspeando, com a respiração espumante, na iminência de sofrer uma parada cardíaca.

— Tenho que entubar este garoto — repetiu Pedro para Dornelles.

— Eu preparo o material — disse o médico recém-chegado, pegando um tubo no carro.

Pedro endoscopou o paciente, entubou, Dornelles tirou a guia e colocou o ambu, ventilador artificial acionado manualmente. Enquanto os dois médicos prestavam socorro ao jovem, frequentadores da boate invadiram a ambulância, acomodando lá dentro pessoas em estado grave. Impactado com a cena, Dornelles iniciou o atendimento, identificando dois mortos entre as vítimas. Pediu que os corpos fossem retirados, a fim de dar lugar aos vivos, mas os jovens não aceitaram a constatação médica.

— Infelizmente, eles estão mortos — insistiu. — Não há o que fazer.

— Olha essa menina, doutor. Está rosada e quente. Como você diz que ela morreu? — questionou um adolescente, exaltado.

A coloração rosada da pele é típica dos casos de asfixia por monóxido de carbono, um dos gases mais comuns em incêndios estruturais, ou seja, ocorridos em locais fechados, como na Kiss. Todavia, qualquer explicação dessa natureza não fazia sentido àquela hora. Ao perceber que, naquelas condições, não conseguiriam salvar os pacientes que ainda estavam vivos, Dornelles pediu ao motorista do Samu, Gilnei da Silva, cinquenta anos, e ao enfermeiro Fabiano que levassem todas as vítimas — cinco no total — para a unidade hospitalar mais próxima. Foram para o bairro Nossa Senhora de Fátima, onde fica o Hospital de Caridade Dr. Astrogildo de Azevedo, uma referência na cidade.

Assim que a ambulância saiu, Dornelles se deu conta de que o material de socorro tinha ficado lá dentro. Apenas com o estetoscópio nas mãos, ele foi ajudar colegas de outras três equipes do Samu, que soma um total de 48 profissionais, embora nem todos estivessem de serviço no dia.

O médico começou a atender os sobreviventes na rua; porém, àquela altura, já havia mais de cinco pessoas sem vida no asfalto. Quando examinou a boca de uma das vítimas, uma garota, levou um susto: uma fumaça preta saía de sua garganta. Os olhos estavam completamente brancos, queimados.

Alguns rapazes carregados até a calçada vestiam somente cueca e camisa, indicando o esforço que haviam feito para tentar se desvencilhar da massa humana e chegar até a porta da Kiss. A maioria, no entanto, não esboçava reação e não sabia explicar por que estava sem parte das roupas. Jovens morriam na frente de todos, uma cena insuportável até mesmo para quem fora treinado para enfrentar situações-limite.

Capacitado no atendimento a múltiplas vítimas, Dornelles achava que já tinha visto de tudo nos meses em que socorrera sobreviventes no Haiti. Atendera pessoas mutiladas, combatera doenças infecciosas, como malária e febre amarela, lidara com o estresse pós-traumático dos que chegavam ao Hospital de Campanha da Força Aérea. Vira homens que esperavam quatro horas em pé na fila do atendimento médico não para receber consulta ou medicamento, mas para implorar um prato de comida. Naqueles seis meses, ele mesmo perdera 22 dos 103 quilos que pesava.

O episódio que testemunhava em Santa Maria, contudo, ia muito além de um desastre natural. Era uma tragédia humana, cujos culpados ele ainda desconhecia. Embora não fizesse a menor ideia do que teria acontecido no interior da casa noturna, Dornelles tinha certeza de que aquela madrugada de domingo, marcada pelo barulho ensurdecedor das sirenes, mudaria para sempre a sua vida, a história da cidade e, quem sabe, a do país. Pensaria sobre isso depois. Agora era hora de ajudar a salvar os feridos.

* * *

Quando recebeu a primeira informação sobre um “princípio de incêndio na Kiss”, às 3h20 de domingo, o comandante de Socorro do Quartel do Corpo de Bombeiros de Santa Maria, no Centro, sargento Robson Viegas Müller, 44 anos, imaginou tratar-se de um evento de pequeno porte causado por uma pane elétrica ou algum problema com um reator. Afinal, o que poderia queimar em uma boate? Talvez mesas e cadeiras. Mas, como várias ligações foram recebidas nas cinco linhas telefônicas da Sala de Operações do quartel, o alarme tocou quase imediatamente no alojamento.

Naquele momento, havia duas viaturas na guarnição: um caminhão de combate e um carro de resgate. Müller saiu no primeiro carro — o de combate — na companhia do motorista. Outros dois

bombeiros seguiram no de resgate. Seis alunos ainda em formação acompanharam a ocorrência, contudo não estavam aptos a atuar em uma situação de risco como aquela. Em três minutos os veículos chegaram ao local do incêndio. Desfalcada, a equipe do quartel do Centro foi surpreendida pelo cenário de guerra na rua dos Andradas.

Na madrugada em que ninguém na região dormiu, centenas de pessoas estavam na rua — muitas delas, em choque, andavam sem rumo. Ao avistar a fumaça preta que saía da boate, Müller, há 26 anos no Corpo de Bombeiros, já sabia, pela sua cor, que havia um alto grau de toxicidade no ambiente. Qualquer minuto a mais significava vidas a menos a salvar. Guardou para si a impressão, mas pressentiu que haveria muitos mortos no interior da casa noturna, talvez uns quinze. Ele imaginava que a maioria dos frequentadores já tivesse saído lá de dentro.

— Bombeiro, tem gente, tem gente — gritou um rapaz para Müller, apontando na direção da boate.

— Quantas pessoas tu achas que ainda tem lá? — perguntou o comandante de Socorro.

— O dobro daqui de fora.

Müller gelou. Olhou a multidão ao redor, cerca de trezentas pessoas, sem acreditar que haveria duas vezes mais lá dentro.

— Como o dobro? Não pode ser! Essa boate é pequena — argumentou, tentando não demonstrar o pavor que sentiu.

E, virando-se para a equipe, composta apenas por mais três profissionais, gritou:

— Vamos lá!

Os alunos do Corpo de Bombeiros pegaram então as mangueiras para proteger o grupo que entraria na boate, caso o fogo chegasse até a porta, ainda que nenhuma chama estivesse sendo vista. Enquanto o pessoal do resgate colocava o equipamento de proteção respiratória, Müller foi para a viatura fazer contato com a Central, via rádio.

— Precisamos de reforço. Manda vir, urgentemente, a viatura do Parque Pinheiro Machado — pediu o sargento, acrescentando que fossem convocadas todas as ambulâncias da cidade.

Além das do Samu, cujo primeiro acionamento ocorrera às 3h28, deveriam ser chamadas até as que prestavam serviços médicos particulares ou conveniados, inclusive as ambulâncias do Hospital de Guarnição do Exército. Ele solicitou também que fosse feito contato com a Base Aérea de Santa Maria (BASM).

Na prática, com o reforço da guarnição do Parque Pinheiro Machado — que estava com um motorista e dois combatentes —, o Corpo de Bombeiros de Santa Maria contaria com sete homens, incluindo os motoristas, para atender ao evento, descontando os seis alunos. Além de um déficit histórico no efetivo, havia uma redução de 30% nos quadros de trabalho, devido ao deslocamento de pessoal para os balneários durante a Operação Golfinho, realizada na temporada de verão.

Para ajudar os colegas, Müller lançou mão de uma das oito ampolas de oxigênio levadas para a Kiss. Sabia que cada uma significava apenas dez minutos para um salvamento, tempo máximo de duração do oxigênio disponível no equipamento em condições como aquela. Outras oito ampolas carregadas ficaram no quartel, mas, naquele momento, ele perderia um homem e vinte minutos, em média, para buscá-las. Quase quinze minutos após o início do incêndio, o resgate foi iniciado “às cegas”, devido à densidade da fumaça.

Entrando na boate sem enxergar nada, apesar da lanterna que carregava, o sargento se deparou com uma muralha humana após cruzar a porta que ligava o hall ao salão. As vítimas estavam empilhadas umas sobre as outras, e para chegar até elas ele precisou ir Tateando. Sem ter como determinar quem estava vivo ou morto — em função do grande número de pessoas inconscientes —, o bombeiro voltou para a porta de entrada da Kiss e berrou, dirigindo-se aos alunos da guarnição do Centro:

— Precisamos clarear aqui dentro. Providenciem um holofote!

Novamente dentro da boate, o sargento não ouvia gritos de socorro. Descobrira, entretanto, que havia pessoas vivas, porque se agarravam aos pés e às pernas dos bombeiros. Müller tentou puxar o braço de uma menina que esboçava alguma reação, porém outras duas pessoas estavam sobre ela.

— Não consigo puxar — disse ele, buscando outra vítima que pudesse ser salva primeiro.

O nervosismo da equipe reduzida e o peso da ampola do cilindro de oxigênio — cerca de oito quilos — dificultavam o resgate. Para piorar, o calor intenso e a obstrução do hall de entrada da boate pelo empilhamento de gente comprometeram uma incursão de salvamento para além da porta interna

de acesso ao salão. Na prática, quem não conseguiu chegar até o funil da única saída, bloqueada por grades de ferro usadas irregularmente na organização das filas de entrada, não tinha a menor chance de ser salvo. A ordem expressa foi então arrastar o maior número de pessoas — vivas ou mortas — para fora.

* * *

O doutorando em Veterinária pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) Gustavo Cauduro Cadore, 31 anos, deixou a Kiss em estado de entorpecimento. Em seguida, desmaiou na rua. Ao retomar os sentidos, ele mal conseguia falar. Chorando muito, sentou-se na calçada perto de onde os mortos estavam sendo colocados.

— Gustavo, eu vou buscar água — disse uma amiga.

Quando a jovem retornou, o médico veterinário já não estava lá. Tinha saído andando desorientado, como outros, depois de sentir um incômodo nos braços.

— Magrão, está saindo fumaça dos seus braços — avisou um desconhecido.

Apavorado, o rapaz jogou a água que bebia no corpo do veterinário, sem se dar conta de que agravaria a situação de Gustavo.

— Cara, a tua pele está caindo — alertou novamente o desconhecido.

Gustavo olhou os próprios braços e tentou acalmar o jovem.

— Não, cara, isto aqui é a minha camisa que deve ter rasgado durante o tumulto.

— Não, cara, tu estás sem camisa!

A angústia na voz daquele rapaz fez Gustavo prestar atenção em si mesmo. Próximo a um poste de luz, conseguiu se enxergar pela primeira vez, percebendo que a pele de seu braço estava presa apenas pelo pulso. Por um instante, pareceu a pequena Kim Puch, vítima da Guerra do Vietnã, cujo povoado fora atingido 41 anos antes por um bombardeio. Só que o corpo de Gustavo estava sendo consumido não por queimaduras provocadas por bombas de napalm, conforme mostra a famosa foto de Kim, mas pela onda de calor a que fora exposto dentro da boate minutos antes.

Como não sentia dor, Gustavo reuniu forças para procurar o amigo que estava com ele dentro da Kiss na hora em que o incêndio começara. Ao se aproximar da porta da casa noturna, foi contido por outro sobrevivente.

— O que tu estás fazendo aí, cara? Estás todo queimado! Corre para o hospital.

— Eu preciso achar um amigo.

— Cara, já faz uns cinco minutos que não está mais saindo ninguém vivo daí. Os que são retirados estão inconscientes ou mortos. Se tu quiseres mesmo ajudar, pegas uma ambulância e vais para o hospital.

Mecanicamente, Gustavo subiu a rua dos Andradas. Foi abordado por um casal que insistiu para que ele procurasse socorro. O veterinário relutava:

— Deixa a ambulância para quem está mal — respondeu, apontando para o grande número de pessoas desmaiadas em via pública.

— Tu estás mal — insistiu o rapaz, acompanhando o veterinário até uma das ambulâncias estacionadas na rua.

Gustavo pediu licença, sentou-se no chão da viatura e esperou para ser retirado da região onde, minutos antes, pensou que morreria.

* * *

Quase meia hora depois do início do incêndio na boate, ainda não havia nenhum isolamento da área em que meninas andavam descalças e sem direção. Na rua, por todo lado, era possível ver sapatos de salto alto esquecidos. O ir e vir continuava desordenado, e, por mais duro que fosse constatar, os bombeiros não contavam com gente suficiente para controlar o fluxo nem conseguiam fazer o resgate sozinhos. Dezenas de civis participavam do salvamento, carregando para fora as vítimas até o hall de entrada.

— Respira, respira — gritava um jovem que realizava manobras de ressuscitação em um amigo que saiu caminhando da Kiss, mas acabou caído no asfalto.

— Cadê o Fernando? Cadê o Fernando? — berrava uma mulher para um sobrevivente que havia acabado de reencontrar.

— Não sei. Todo mundo sumiu — respondeu o jovem, atordoado.

Após dez minutos de salvamento, os cilindros usados pelos bombeiros começaram a apitar, anunciando o fim do oxigênio. Quem aguentou, continuou a tarefa sem o equipamento. Um bombeiro passou mal e precisou ser atendido na calçada. Difícil avaliar a quantidade exata de gente retirada pelos combatentes em meio à barreira de corpos. O comandante de Socorro do Quartel do Corpo de Bombeiros do Centro acreditava ter resgatado entre noventa e cem pessoas.

Quando duas equipes de bombeiros da Base Aérea chegaram à boate, já haviam se passado mais de quinze minutos de salvamento. Acreditando que seu apoio seria mais útil do lado de fora da casa noturna, o grupo permaneceu na calçada, atendendo as vítimas. Aflitos diante da quantidade de gente que ainda estava lá dentro, jovens frequentadores da boate em melhores condições de saúde do que outros decidiram voltar ao seu interior sem que ninguém os impedisse. De calça jeans, com a camisa amarrada no rosto na tentativa de evitar a inalação da fumaça, voluntários que se salvaram receberam jatos d'água vindos da mangueira dos bombeiros para amenizar o calor intenso dentro da Kiss, superior a trezentos graus perto do palco, onde o fogo começara.

Ao perceber que tudo estava fora de controle, o estudante de Educação Física Ezequiel Lovato Corte Real, 23 anos, também quis voltar. Dentro da boate, sem nenhum equipamento de proteção, ele esbarrou em um grupo de meninas que se mexiam. Percebeu que não conseguiria removê-las, por estarem embaixo de uma pilha de gente. Impressionado, ele se lembrou de cenas da Segunda Guerra Mundial. Puxou primeiro uma vítima masculina, um rapaz maior do que ele, levando-o para fora da casa noturna. Não sabia, mas carregava no colo o universitário Bruno Kräulich, de 28 anos. Pós-graduando do curso de Agronomia da UFSM, Bruno já estava em óbito quando foi socorrido por Ezequiel. Ao entrar novamente na Kiss, o voluntário conseguiu resgatar outras pessoas, embora não soubesse quantas estavam vivas. Fez várias incursões na boate incendiada, sendo um dos últimos a deixar o local. Diferentemente de Ezequiel, pelo menos cinco rapazes que retornaram à boate não conseguiram sair.

Meia hora depois de a primeira equipe de bombeiros chegar ao local, ninguém mais foi retirado da Kiss com vida. No momento em que a operação de salvamento foi encerrada, restava muita fumaça no interior da casa noturna. Dezenas de jovens não aceitaram o término dos trabalhos e buscaram no caminhão dos bombeiros ferramentas capazes de quebrar a parede da boate, como picão e pá. Juntos, começaram a destruir a madeira da fachada, que logo veio ao chão. Depois, contando com a ajuda de alunos do Corpo de Bombeiros, usaram as ferramentas para arrebentar a janela, vedada como todas as outras. Estouraram os vidros até conseguirem fazer um buraco na parede. Alguns civis usaram a abertura para tentar — sem êxito — retirar pessoas. Um dos voluntários que participou da demolição da fachada não resistiu à intoxicação, morrendo mais tarde.

Como não havia espaço para a entrada de oxigênio na Kiss, já que todas as suas aberturas haviam sido ilegalmente fechadas para impedir o vazamento de som, as chamas tinham permanecido sob controle. Mas quando o teto foi aberto pelos bombeiros para a saída da fumaça, a entrada de ar alimentou o fogo, que precisou ser novamente combatido. Havia o risco de desabamento e de outras edificações serem atingidas pelas chamas. Por precaução, essas possibilidades precisavam ser afastadas antes de liberarem a entrada na casa noturna.

Passava das quatro e meia da manhã quando o sargento Müller conseguiu, finalmente, acessar todo o interior da boate. No salão principal, ele contou cerca de dez corpos, e oito nos fundos da Kiss. Apesar da gravidade do caso, sentiu alívio ao imaginar que entre os cerca de 1.100 frequentadores naquela noite — a capacidade máxima era de 769 pessoas —, quase todos tinham saído ilesos.

— Sargento, dá uma olhada aqui — chamou um combatente, apontando na direção dos banheiros masculino e feminino, próximos à entrada da boate.

Müller seguiu o colega e foi tomado pelo espanto ao observar a entrada dos toaletes. Para se proteger da fumaça ou achar a saída, que ficara às escuras durante o incêndio, muitos jovens acabaram encurralados nos banheiros, único local onde uma luz de emergência permaneceu acesa. Muitos foram pisoteados. Todos morreram asfixiados.

Diante da pilha de corpos, o sargento sentiu as forças de seus braços esvaírem. Percebeu que homens e mulheres haviam morrido entrelaçados uns aos outros, caídos entre as portas arrancadas dos sanitários individuais na tentativa alucinada de buscar ar na janela do basculante — que também estava lacrada.

Nenhum treinamento o havia preparado para lidar com a dor que sentiu no momento em que se

viu tomado pelo mais humano dos sentimentos: a compaixão.

— Nós não salvamos ninguém — repetia, em choque. — Não salvamos ninguém.

II. SINFONIA DA TRAGÉDIA

Liliane Espinosa de Mello Norberto Duarte, 48 anos, passou apressada pelo closet. Sem condições de raciocinar sobre o que vestir, lançou mão das primeiras peças que encontrou sobre a cadeira preta do quarto: uma camisa clara de manga comprida e uma calça de sarja. Observada pelo marido, que havia acordado com a movimentação, ela calçou as botas de cano curto bege sem ao menos se dar conta das altas temperaturas naquela época do ano. Ainda não havia amanhecido quando o elevador foi chamado no sétimo andar do prédio da Travessa Medianeira.

— Vai, vai, vai — dizia a moradora, como se pudesse com a sua aflição acelerar a chegada ao térreo.

Antes de entrar no carro, Liliane acionou o portão eletrônico para não perder tempo. Eram mais de quatro da manhã quando chegou ao edifício público Euclides da Cunha, no bairro Medianeira. Com passos rápidos, venceu a rampa do complexo até cruzar o corredor que dá acesso à Sala de Urgência. Em dezenove anos de trabalho, a enfermeira nunca tinha ouvido um chamado tão desesperado. Capitã de sobreaviso no Hospital da Brigada Militar de Santa Maria naquele 27 de janeiro, Liliane estava aflita:

— O que houve? Recebi um telefonema do José Farias falando sobre uma tragédia.

— Eu não sei o que está acontecendo, Liliane. Esses jovens chegam aqui e morrem — afirmou a capitã Michele Cavalheiro, médica da brigada que atendia uma moça já em estado grave.

— Mas como, Michele? — questionou a enfermeira, surpresa.

— Nós ainda não sabemos. A gente entuba e eles morrem — repetia Michele, angustiada.

Um sargento técnico de enfermagem pediu ajuda a Liliane:

— Capitã, por favor, eu quero que a senhora dê uma olhada nos mortos.

A enfermeira o seguiu, entrando em um quarto reservado. Havia dois cadáveres.

— Mas essas “crianças” não têm nenhuma lesão, nenhum sinal de queimadura — constatou, intrigada. — Tem certeza de que morreram em um incêndio?

— Sim, mas a gente não sabe do que estão morrendo — respondeu o rapaz.

Liliane analisava as vítimas, que pareciam ter entre 18 e 20 anos, quando seu celular tocou novamente. Era o capitão combatente do Hospital da Brigada, José Farias, que havia telefonado para ela meia hora antes.

— Vem para cá — pedia ele.

— Oi, Farias, já cheguei aqui na brigada. Onde tu estás?

— Larga tudo aí no hospital com a Michele e corre para a Kiss. Estou na boate.

Liliane notou mais uma vez na voz do colega um tom de gravidade que ela nunca tinha ouvido. Após desligar o telefone, retornou à Sala da Urgência para falar com Michele.

— O Farias quer que eu vá para a Kiss. Peça reforços aqui — disse a enfermeira, já em direção à saída.

Liliane chegou à boate às 4h45. Os sobreviventes já haviam sido retirados de lá, embora houvesse grande movimentação de policiais militares, conhecidos como brigadianos, e de pais em busca de notícias. Até aquele momento, no entanto, a maioria dos familiares não tinha ideia da dimensão do incêndio. Os que foram até a Kiss, acionados por amigos dos filhos, estavam sendo orientados a procurar por eles em um dos sete hospitais da cidade, além da UPA 24 horas e de dois prontos atendimentos. Naquele horário, já circulavam notícias de que o prefeito de Santa Maria, Cezar Augusto Schirmer, 60 anos, do PMDB, e o deputado estadual Jorge Pozzobom, 42, do PSDB, tinham passado pelo local.

Liliane cumprimentou rapidamente os colegas da Polícia Militar sem se ater ao ambiente externo, embora tivesse percebido, já na rua, um doloroso clima de consternação. Naquele horário ainda havia

corpos expostos no estacionamento do Carrefour. Os bombeiros faziam o rescaldo do incêndio quando a enfermeira cruzou a única porta de acesso à casa noturna. A capitã sabia que algo terrível havia ocorrido, mas nem de longe estava preparada para testemunhar uma cena como aquela. Católica, ela apertou com uma das mãos a medalha de ouro e prata que carregava ao pescoço, lembrando-se dos dizeres gravados na peça: “Maria, rogai por nós que recorreremos a vós”. Diante do que viu, a enfermeira olhou para o alto, na tentativa de enxergar além do teto da boate destruída, pedindo coragem.

— Nossa Senhora, não me abandone — disse, antes de começar o trabalho de contagem das vítimas que estavam empilhadas.

Acompanhada de um policial militar que segurava uma lanterna, Liliane precisou desviar para não pisar em nenhuma das pessoas. Por um segundo, teve a impressão de que muitos dos jovens pelo chão apenas dormiam, embora a morte deles já tivesse sido constatada pelo médico Carlos Dornelles. Quando a enfermeira se ateu ao rosto de cada um, percebeu que a maioria exibia uma fuligem preta na entrada do nariz e uma espécie de espuma branca saindo pela boca, sinais de intoxicação por fumaça.

A capitã da brigada caminhou pela Kiss atordoada não só com o que viu, mas com o barulho dos celulares das vítimas. Os aparelhos tocavam juntos e cada telefone tinha um som diferente. Muitos tocavam conhecidas músicas sertanejas, outros, forró e até o repertório tradicional gaúcho. Na maioria dos casos, porém, o visor indicava a mesma legenda: “mãe”, “mamãe”, “vó”, “casa”, “pai”, “mana”. Aquela sinfonia da tragédia era tão insuportável quanto a cena que Liliane presenciava. Como lidar com um evento dessa proporção?

Mãe de dois filhos — uma menina de 7 anos e um adolescente de 14 que ficaram dormindo em casa sem saber que ela havia saído —, a capitã não tinha como deixar de pensar na dor das mães que não faziam ideia do que havia acontecido na casa noturna. Com o passar das horas, o número de chamados aumentava. Quando finalmente amanheceu em Santa Maria, um dos celulares contabilizava quase 150 ligações não atendidas.

O protocolo de urgências e emergências impede que qualquer pessoa no local de um acidente atenda ao celular dos envolvidos. O motivo é evitar passar informações erradas ou fornecer dados trocados sobre mortos e feridos, por exemplo. Por isso a comunicação oficial de morte só é possível após o reconhecimento do corpo.

— Eu preciso devolvê-los às suas mães — repetia Liliane, baixinho, enquanto sentia os primeiros efeitos da fumaça.

Com falta de ar, sua garganta queimava e os olhos ardiam muito. Era preciso agilidade no processo de retirada dos corpos. Enquanto tentava ignorar o som dos telefones para focar em seu trabalho, outros militares foram chegando ao cenário do incêndio. Alguns policiais que entraram na Kiss tiveram crises de choro. Incomodada, Liliane não conseguiu se conter.

— Por favor, não chorem. Se vocês chorarem, quem vai fazer as coisas por aqui? Nós não temos o direito de fraquejar. O pior já aconteceu. O nosso trabalho esta manhã é entregar esses meninos e meninas para os pais o mais rápido possível. E nós vamos fazer isso, juntos. Todos aqui sabem que qualquer tempo conta para quem espera por um filho. E os pais de Santa Maria precisam fazer o seu luto. Não é hora de chorar.

Em silêncio, o trabalho foi reiniciado no interior da boate. Lá fora, porém, a dor iria acordar o país.

* * *

— Alô!

— Mãe, está acontecendo alguma coisa na Kiss. O Guto me mandou uma mensagem às duas e meia dizendo que assistiria ao show de uma banda e me buscaria em seguida, mas são quase quatro da manhã, e ele não apareceu. Estão dizendo que houve um incêndio na boate onde ele estava — disse Júlio, 16 anos.

Assustada com o inesperado telefonema do filho caçula, que estava na festa de aniversário de um amigo, a funcionária pública Nadir Krauspenhar da Silva, 49 anos, acordou o marido.

— Sérgio, a gente precisa sair. O Júlio ligou e disse que a boate onde o Guto provavelmente está pegou fogo.

O subtenente da reserva do Exército Sérgio da Silva, 50 anos, abriu os olhos, colocou os cotovelos

sobre a cama erguendo a cabeça e, apesar de morar há 24 anos em solo gaúcho, argumentou com seu sotaque carioca:

— Não esquentá, Nadir. Deve ter sido um ar-condicionado que pegou fogo e o pessoal saiu correndo.

— Mas o Júlio falou que a coisa parece séria.

Sérgio levantou-se, trocou de roupa e foi buscar a chave do Honda City preto para sair. Só quando entrou na garagem da casa, na rua Alfredo Tonetto, em Camobi, é que se deu conta de que o carro estava com Guto. Sem ter como chegar ao Centro, a quase dez quilômetros de onde morava, o militar decidiu pedir ajuda ao vizinho.

— Délcio, desculpe te perturbar a essa hora, meu camarada, mas o Guto ficou com o carro e parece que a boate para onde ele foi teve algum problema. Tu podes nos levar até lá?

— Claro, espera um minuto que já estou saindo — respondeu o vizinho, que era policial civil.

Délcio dirigiu rápido pelas ruas do bairro onde estão localizadas a Universidade Federal de Santa Maria e a Base Aérea. Quando chegou à região central, no entanto, por volta das quatro e meia, havia um nó no trânsito. Várias ruas estavam bloqueadas e só ambulâncias e carros oficiais tinham passagem liberada. Sérgio e Nadir ficaram apreensivos. Délcio deixou o casal a alguns quarteirões da boate, indo procurar um local para estacionar. Os pais de Augusto e Júlio seguiram a pé até a rua dos Andradas. Ainda estava escuro quando chegaram à porta da Kiss e viram muita fumaça saindo da casa noturna. Em meio ao tumulto, o casal não sabia por onde começar a procurar o filho mais velho.

— O estacionamento do Carrefour — disse Nadir. — Procura o carro lá.

Sérgio atravessou a rua em direção ao supermercado e Nadir foi atrás dele para entregar a chave reserva do veículo. Como a entrada do primeiro piso estava tomada por gente, o subtenente da reserva do Exército deu a volta a fim de chegar ao segundo andar do estacionamento. Com o alarme do Honda City nas mãos, iniciou a busca.

Caminhou por dezenas de veículos apertando o chaveiro que acionaria o farol do carro e destravaria suas portas. Entretanto, não havia nenhum sinal do automóvel. Sérgio foi até o final do estabelecimento sem conseguir encontrar nada. Pela escada, acessou o primeiro piso, onde retomou a busca. Apertou o alarme do Honda mais uma vez sem resposta. Sentiu alívio:

— Bah, ele deve ter saído — pensou, respirando profundamente.

Toda aquela situação de perigo fez com que se lembrasse da conversa que tivera com o filho na noite de sábado, minutos antes de Guto sair de casa. Com 1,80 metro de irreverência, o militar entregara a chave do carro ao filho de 20 anos, que cursava o terceiro ano da Faculdade de Direito, e aproveitara para dar uma “mijada” no guri — linguagem típica de milico.

— Porra, Guto, se cuida e vê se não faz merda com esse carro. Dirige com cuidado e não mata ninguém ao volante.

— Tá, pai — respondeu Guto, já acostumado com o jeito durão de Sérgio, embora fosse Nadir quem realmente mandasse naquela família.

Quando Nadir cobrava do filho o dinheiro que lhe havia emprestado, por exemplo, Sérgio dava a ele o valor correspondente escondido para que Guto quitasse a “dívida” familiar. Assim, a forma como o militar falava era apenas uma armadura adotada pelo homem que aos 12 anos já trabalhava como adulto para ajudar no orçamento doméstico. Um dos sete filhos da dona de casa Hanivalda da Silva e do paraibano José João da Silva, auxiliar de serviços gerais no Quartel do Campo dos Afonsos, zona oeste do Rio de Janeiro, Sérgio não tivera tempo para a infância e a juventude. Quando se tornou pai, aos 28 anos, decidiu que daria a Guto bem mais do que pudera ter. Queria participar da criação dele e manter a relação próxima que não conseguira construir com o pai, analfabeto e sem folga para afagos.

Foi em Itaituba, no Pará, para onde Sérgio foi transferido na época do nascimento de Guto, que o primogênito aprendeu a falar. A primeira palavra não foi nada que lembrasse os tradicionais “mamã” e “papá”. A primeira vez que Augusto verbalizou alguma coisa foi “selva”, reproduzindo o som do cumprimento dos militares do Quartel 53º BIS, o Batalhão de Infantaria da região do vale do rio Tapajós.

O meio militar, porém, não seduziu o filho de Sérgio, que, além de Direito no Centro Universitário Franciscano (Unifra), chegara a cursar os primeiros períodos da Faculdade de Filosofia na Universidade Federal de Santa Maria. Muito jovem, ele logo se encheu do “amor à sabedoria” e do estudo de questões fundamentais relacionadas à existência. Tinha planos mais práticos para seu

futuro...

— Cobre eles, cobre eles!

Despertado de suas lembranças por uma gritaria, Sérgio percebeu que ainda estava no primeiro piso do estacionamento à procura do carro que o filho dirigia. Lá fora, uma lona preta fora colocada sobre os corpos dispostos na calçada. Sobressaltado, ele continuou a manusear o alarme do carro. Estava bem próximo da saída quando ouviu o som de portas sendo destravadas. Apertou novamente o chaveiro e viu a luz dos faróis piscarem. O Honda estava na sua frente, e sem Guto.

A localização do carro foi a gota d'água para Sérgio. Até aquele instante, ele conseguira não pensar na possibilidade de o filho estar em risco, mas agora já não tinha certeza. Transtornado, precisava falar com Nadir, encontrar forças no bom senso dela. Estava em busca da esposa no momento em que avistou um bombeiro.

— Pô, quebra o galho! — pediu. — Eu preciso ver quem está debaixo dessa lona. Preciso saber se é meu filho.

— O senhor não pode ficar aqui, por favor, vá para os hospitais — disse o militar, tentando conter o subtenente do Exército. — É nos hospitais que seus filhos estão.

Desorientado, Sérgio voltou para o carro, avistando Nadir e seu vizinho, o policial civil.

— Délcio, pelo amor de Deus, vai lá e olha aqueles corpos debaixo daquela lona. Vê se tu encontra o Guto.

Cumprindo a terrível tarefa, o policial civil conseguiu autorização para olhar os cadáveres. Cinco minutos depois voltou, em silêncio, para o ponto de encontro. Os pais de Guto deram-se as mãos.

— E aí? — perguntou Sérgio, aflito. — Você viu ele?

Délcio estava impactado.

— Não, Sérgio.

— Graças a Deus — disse Nadir.

— Vamos nos dividir e procurar nos hospitais — sugeriu Sérgio.

Os três saíram de lá com a missão de achar Guto. O militar voltou para Camobi, onde ficava o Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM), mas o nome do filho não estava nas listas de sobreviventes que começaram a circular pelas unidades de atendimento. A poucos metros de casa, ele resolveu seguir para o seu endereço, pois o filho poderia ter voltado. O imóvel, porém, estava vazio. No auge do desespero, Sérgio ligou para a irmã dele, no Rio de Janeiro, com quem Guto e Júlio tinham passado a maior parte das férias de janeiro, retornando para Santa Maria havia apenas três dias.

— Porra, Dayse, que merda, o Guto sumiu. Pelo amor de Deus, eu não encontro o Guto — disse, o militar, por telefone, aos prantos.

— Mas o que aconteceu?

— A boate pegou fogo e o Guto sumiu. Ele sumiu!

Moradora de Bangu, na zona oeste carioca, a tia de Guto estava a 1.700 quilômetros de distância de Santa Maria. Não conseguia entender direito o que estava acontecendo no início daquela manhã de domingo no Rio Grande do Sul, mas sabia que o irmão precisava dela. Embarcou no mesmo dia para a cidade gaúcha.

* * *

O celular tocou insistentemente ao lado da cama. Celita Maria Pazini Bairro, 49 anos, demorou a perceber a chamada. Cansada, ela tinha enfrentado quatro horas de ônibus pela BR-287 para ir a Manoel Viana, município de 7 mil habitantes no Rio Grande do Sul, onde reencontraria o marido. Homero Pinto Bairro, 49, já esperava por ela na rodoviária. O motorista autônomo ainda olhou o relógio quando o veículo que trazia Ita se aproximou da plataforma número um. Os ponteiros marcavam uma hora da manhã de domingo. Como uma viagem que, de carro, durava pouco mais de duas horas poderia se tornar tão longa? Demoraria menos se o ônibus da Viação Planalto não parasse em São Pedro do Sul, São Vicente do Sul, São Francisco de Assis... Santa paciência!

Na bagagem, a dona de casa levava roupas de Homero e, claro, o indispensável chimarrão. Juntara o suficiente para que o marido — preocupado em reforçar o orçamento doméstico — pudesse passar trinta dias fora em um trabalho temporário. Na segunda-feira, bem cedo, ele seguiria até a fronteira sudoeste do estado em direção a Itaqui (a 670 quilômetros da capital, Porto Alegre), que

experimentava o auge da colheita de arroz naquele janeiro de 2013. Homero desembarcaria no maior parque de beneficiamento de grãos da América Latina como mais um dos 250 mil trabalhadores sazonais do Rio Grande do Sul.

Combinara “puxar” arroz na fazenda de um conhecido, ficando responsável pelo transporte da safra irrigada pelas águas do rio Uruguai, na divisa do Brasil e da Argentina. Por isso queria aproveitar o domingo para descansar ao lado de Ita antes de dedicar-se à árdua tarefa. Ele e a esposa ainda dormiam na casa em Manoel Viana quando o celular dela tocou, por volta das sete e meia. Sonolenta, ela atendeu e ouviu uma voz angustiada do outro lado da linha.

— Ita, o que está acontecendo aí em Santa Maria? — perguntou o cunhado.

— Do que tu estás falando? Eu e teu mano não estamos em Santa Maria, estamos aqui em Manoel Viana. Cheguei esta madrugada. O que houve?

— O rádio está dizendo que uma boate de lá pegou fogo e que tem vinte pessoas mortas — afirmou Oclides Bairro, 47 anos.

— Como assim? — indagou Ita, confusa.

— A Greicy está aí com você?

— Não, ela ficou em Santa Maria com a Patrícia. As gurias iam sair. Combinaram de ir a uma festa.

— Pelo amor de Deus, Ita, onde era essa festa? Estão falando na Gaúcha que uma tal de Kiss incendiou. Cadê as gurias? — desesperou-se o padrinho das meninas.

Nesse ponto da conversa Ita já estava completamente desperta. Pensou na última conversa que tivera com a filha de 18 anos, minutos antes de embarcar na rodoviária de Santa Maria, às 21 horas de sábado, dia 26 de janeiro. Greicy comentara com a mãe que ela, o namorado, Hélio Trentin Júnior, 19 anos, a irmã Patrícia, 28, e seu marido, Vandelcork Marques Lara Júnior, 30, iriam a uma festa universitária em uma boate. As duas estavam animadas com o evento marcado para aquela noite.

Na despedida, a mãe beijou a caçula e pediu que ela e a irmã mais velha se cuidassem. As três se reencontrariam na segunda-feira, quando Homero partiria para o campo e Ita voltaria para a cidade onde as filhas estudavam. Em Santa Maria, Greicy tinha iniciado o curso de Engenharia Ambiental e Sanitária no Unifra, e Patrícia, que trabalhava em um consultório dentário, fazia curso técnico de Protética.

A lembrança do último diálogo fez Ita sentir um arrepio na espinha. Será que as filhas tinham ido para a boate sobre a qual Oclides falava? “Não, não podia ser”, pensou.

— Homero, acorda, nós precisamos achar as gurias — disse Ita, sacudindo o marido.

— O que houve? — perguntou Homero, meio atônito, sem conseguir entender o motivo da aflição da esposa.

— Seu irmão ligou e disse que ouviu no rádio que uma boate pegou fogo em Santa Maria. Não tenho certeza, mas nossas filhas podem ter ido para lá. Ontem à noite a Greicy me disse que ela e a mana iam a uma festa universitária em uma boate. Não tenho ideia do nome. É se for o lugar de que a Gaúcha está falando?

— O quê? — gritou Homero dando um pulo na cama. — Liga agora para as gurias, Ita!

Com as mãos trêmulas, a mãe digitou os nove números do celular da caçula. Ita apertava os dedos na expectativa de ouvir a qualquer instante a voz da filha. O telefone de Greicy, no entanto, chamou sem resposta.

— Tenta a Patrícia — pediu Homero. — Liga para os dois números dela!

A filha mais velha do casal também não atendeu. Enquanto Ita procurava o número de Vandelcork, vigilante da Universidade Federal de Santa Maria, o pai das meninas já se trocava. Colocou a primeira peça que encontrou — uma calça jeans —, pegou a chave do carro e saiu. Vestiu a camisa no trajeto até o veículo e em seguida Ita o alcançou.

— Conseguiste falar com os gurus? — perguntou o motorista várias vezes já na BR-287, ao lado da esposa. — Um dos quatro deve atender, Ita...

Chorando, a esposa fez que não mais uma vez com a cabeça. Era a décima ligação que fazia para eles, sem retorno. Sintonizados na Gaúcha durante toda a viagem de volta a Santa Maria, os dois ouviram o boletim de notícias com a atualização do número de mortos na Kiss: setenta. Sem pistas sobre o paradeiro das filhas, o casal estava atordoado pelo barulho do silêncio. Na estrada, foram tomados por lembranças do passado e por uma terrível sensação de medo em relação ao futuro.

Nos últimos 28 anos, Homero e Ita haviam vivido para a família. Primeiro viera Patrícia, e o casamento ligeiro por causa da gravidez não planejada em um tempo em que sexo fora do matrimônio ainda terminava com a filha sendo expulsa de casa ou ficando mal falada. Apesar de Patrícia ter nascido poucos meses antes da criação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (1985), uma conquista do Movimento Feminista, o machismo e o culto às tradições em um Brasil recém-saído da ditadura sustentavam o preconceito, principalmente em território gaúcho. E Manoel Viana, na época com menos de 4 mil habitantes, não fugia à regra. Por isso a notícia sobre a vinda de um bebê foi recebida conforme o esperado: com uma boa dose de escândalo. Mas Homero estava apaixonado por Ita e disposto a enfrentar o conservadorismo da sociedade.

Aos 22 anos e com pouco estudo — tinha cursado até a sétima série do ensino fundamental —, ele se casou com a aluna do terceiro ano do ensino médio como manda o figurino. Os noivos escolheram a tradicional igreja Nossa Senhora dos Navegantes, padroeira do município, e estavam felizes demais para se importar com maledicências. Foi assim, sem dinheiro e às pressas, que os dois começaram a vida a três. Dez anos depois, com uma pequena loja de construção em funcionamento, Homero tornou-se pai de Greicy, a boneca de verdade com que Patrícia tanto sonhava.

Inseparáveis, Ita, Homero e Greicy se mudaram para Santa Maria em 2012. Queriam ficar mais perto de Patrícia, a filha casada havia cerca de uma década que trocara de estado para acompanhar marido. A experiência em Curitiba, no Paraná, separou a família por mais de um ano, fazendo os pais de Patrícia sofrerem um bocado com a saudade.

Para custear as despesas em Santa Maria, município de médio porte com mais de 270 mil habitantes, Homero intensificou as jornadas em seu velho caminhão Mercedes-Benz, ano 1994. Desde 2009, com o fim de sua loja de material de construção, ele se tornara motorista autônomo e passara a transportar grãos, tijolos e cimento no Rio Grande do Sul e no Paraná. Mesmo vivendo na estrada, ele, a esposa e as filhas se falavam quase todos os dias.

Naquela manhã de 27 de janeiro de 2013, depois que a notícia do incêndio na boate acordou Homero a quase duzentos quilômetros do epicentro dos fatos, o motorista autônomo dirigiu feito louco pela rodovia que liga Manoel Viana a Santa Maria. Sem perceber, ultrapassou a velocidade permitida nos quatro pardais instalados na estrada federal, gastando uma hora a menos do que o habitual para o percurso. Dentro do carro, propôs um pacto à esposa:

— Ita, a minha esperança é que as gurias estejam dormindo em casa com os nossos genros. Mas, se o pior tiver acontecido às nossas filhas, acho que não temos outra saída a não ser nos matar.

A dona de casa não teve forças para responder, embora concordasse com o plano de suicídio. Para ela, a mínima possibilidade de viver sem Greicy e Patrícia já era uma sentença de morte.

* * *

Sérgio da Silva, o militar do Exército que morava havia 24 anos no Rio Grande do Sul, ainda chorava quando se despediu, por telefone, da irmã Dayse, 51 anos, que vivia no Rio de Janeiro, sua cidade natal. Respirou fundo, retomando a procura por Guto, o filho que três horas antes enviara uma mensagem para o telefone do irmão, Júlio, avisando que ainda estava na Kiss e o buscaria após o show de uma banda. Ele, porém, não apareceu nem fez mais nenhum contato com a família.

Muito nervoso com a falta de notícias, Sérgio entrou novamente no seu Honda City, deixando o bairro Camobi em direção ao Centro. Iria ao encontro da esposa, Nadir, que, naquele horário, cerca de seis horas, ainda tentava entrar no Hospital de Caridade para procurar por Guto. A funcionária pública continuava sem informações sobre o paradeiro do filho. Ao reencontrá-la, Sérgio lembrou que o primo de Nadir, o enfermeiro Rogel Quinhones, trabalhava na Polícia Militar. Ela então telefonou para ele, pedindo ajuda.

Tenente da brigada, Rogel atendeu prontamente, indo até o Caridade encontrar a família. Uma vez no hospital, solicitou apoio de outros colegas militares, iniciando uma nova busca pelos locais de atendimento.

— Sérgio, me espere que vou olhar por aí, ver se consigo alguma informação sobre o Guto.

O militar do Exército tinha esperança de que o primo de Nadir, que era da área da saúde, pudesse ter acesso ao interior das unidades. Enquanto Rogel procurava o rapaz, os pais de Guto permaneceram em frente ao Hospital de Caridade. Quando Sérgio olhou novamente o relógio, passava das oito horas da manhã.

— Tu ouviste? Parece que já são mais de cem mortos, e há muitos outros dentro da boate — comentou uma mulher próxima a Sérgio, referindo-se ao balanço divulgado pela rádio local.

O militar não aguentava mais as especulações sobre o número de mortos. Precisava encontrar o filho. Ainda no Caridade, foi informado pela primeira vez de que o Centro Desportivo Municipal (CDM) poderia ser utilizado para o encaminhamento das vítimas. Rogel avisou que ia para lá. Sérgio não quis acompanhá-lo. Sentiu medo. Estava prestes a enlouquecer...

Nadir descreveu para o primo a roupa que Guto vestia: camisa branca e azul listrada, calça jeans, que a mãe tinha comprado para ele durante as férias em Camboriú, litoral de Santa Catarina, e sapato social preto. A imagem do filho saindo de casa na noite de sábado emergiu em sua memória.

— Filho, você está lindo — comentara ela na despedida.

Guto sorria, olhara fundo nos olhos da mãe e fora embora.

Os minutos seguintes pareceram uma eternidade para Sérgio e Nadir. Rogel tinha prometido voltar com alguma informação. Com temperamento parecido com o de Sérgio, o primo de Nadir era expansivo e sempre fazia piada de tudo. Apesar de aquele não ser o momento, Sérgio tinha certeza de que o tenente da brigada diria algo que aliviaria a sua dor. Porém, ao aparecer de novo no hospital, onde o casal o aguardava havia mais de uma hora, Rogel estava muito sério. Sérgio olhou para ele esperando que dissesse “bah, seu babaca, teu filho não está lá”. Rogel, no entanto, continuou sem sorrir.

— Eu preciso entregar uma coisa para vocês — afirmou em tom solene.

O policial militar esticou a mão e entregou a Nadir a carteira de Guto. Os pertences do filho cheiravam a queimado.

Por um segundo, Sérgio ainda pensou que tudo aquilo pudesse ser mentira. Só quando entendeu que aqueles eram os documentos de Guto percebeu que havia perdido seu menino. Naquele momento, ele também se perdeu. Foi engolido pela dor.

III. HISTÓRIAS CRUZADAS

O sábado estava arrastado em Itaara. Refúgio de Livia Oliveira, 47 anos, e Otacílio Silveira Filho, 50, a casa de campo a catorze quilômetros de Santa Maria era sinônimo de paz para o casal, menos naquela noite de lua cheia. Consultora ótica, Livia não conseguia dormir.

— Estou me sentindo estranha — disse para o marido pouco antes da meia-noite.

Casada há quatro anos com o amor da adolescência que havia reencontrado na maturidade, Livia e o companheiro tinham grande cumplicidade.

— Querida, tente se acalmar. Você falou com o Heitor há pouco, agora descanse e deixe o guri respirar — afirmou o advogado.

— Você está certo — respondeu ela, embora estivesse tomada pela ansiedade.

Livia não entendia o motivo daquele sentimento. Estava bem no casamento e na profissão, que havia abraçado 28 anos antes. Seu filho, agora com 24 anos, também vivia uma fase especial. O estudante do penúltimo período da Faculdade de Economia da Universidade Federal de Santa Maria estava apaixonado e tinha engatado um namoro com uma jovem de 19 anos. Além disso, Heitor e um amigo de infância desenvolviam um negócio juntos: a Mint Open Bar, empresa especializada em bares de caipirinhas, drinques e chope artesanal que atendia a eventos. A iniciativa vinha dando tão certo que Heitor estava de mudança para Porto Alegre, onde ficava a sede do empreendimento.

Apesar de conviver com a indiferença do pai, que nunca quis se relacionar com o filho nascido após um namoro de dois anos, o jovem tinha a cabeça feita. Cercado pelo amor da mãe e dos avós, com quem morava desde que viera ao mundo, ele não falava sobre isso. No último encontro que tivera com o pai, no dia 29 de novembro de 2012, os dois ficaram frente a frente, na audiência realizada para o acerto da pensão, sete anos atrasada. Após a sentença, com muita raiva por causa da determinação judicial, o pai de Heitor aproveitou o momento para descontar nele todo o seu ódio:

— Agora toma o seu rumo, guri, e vê se desaparece — gritou o homem de 64 anos cujo nome foi preservado a pedido da família.

— No futuro, o senhor vai sentir o peso de suas palavras — respondeu o estudante, ferido.

Foi nos braços de Jayme Oliveira, o avô que aprendeu com o neto a ser pai, que Heitor encontrou sua melhor referência. O homem excessivamente duro com os filhos descobriu, com a chegada do neto, que afetividade não é fraqueza. Ao ajudar a cuidar do filho de Livia, ele entendeu que levava tempo demais para conseguir manifestar seu amor pelo outro.

“Por que se lembrar disso tudo agora?”, pensou Livia, inquieta. O passado tinha sido superado e ela estava extremamente feliz com suas escolhas. Tentando afastar maus pensamentos, a consultora ótica lembrou que, apesar de todas as dificuldades que enfrentara na vida, tinha ficado com a melhor parte: Heitor, o menino de riso fácil que era seu grande amigo. E ainda havia Otacílio.

Abraçada ao marido, Livia acabou adormecendo no quarto localizado no segundo piso do imóvel, construído em meio à vegetação. O advogado, que selecionara um filme de ação para aquela noite, não quis acordá-la, afinal a esposa estava agitada desde a tarde do dia 26, quando o casal chegara a Itaara. Quem sabe agora ela descansaria? Mas o silêncio da madrugada foi quebrado pouco depois das três horas de domingo pelo som do telefone. Ela atendeu.

— Livia, onde tu estás? — perguntou Eliane Gomes, mãe de Lucas, um dos amigos de seu filho.

— Em Itaara — respondeu, sonolenta. — Amanhã vamos fazer um churrasco aqui para os gurus. Mas o que houve?

— Sabe o que é? — disse Eliane, tentando encontrar as palavras. — A Kiss pegou fogo e o Heitor estava lá.

Livia conhecia bem a Kiss, pois morava na rua da boate. Estranhou a notícia, já que os pais da namorada de Heitor não deixavam a filha frequentar casas noturnas. Será que Eliane não teria se

confundido? Ela, porém, confirmou:

— A gurizada estava na frente da Kiss e viu quando o Heitor voltou para a boate após o início do incêndio. Os meninos disseram que ele tinha chegado lá por volta de uma e meia para entregar uns recibos aos *promoters* por causa daquele levantamento financeiro que ele estava fazendo para o bloco de Carnaval. Ele já tinha saído, quando o tumulto começou. Heitor entrou para ajudar os amigos, porém não foi mais visto.

Emudecida, Lívia largou o telefone e foi buscar a bolsa onde havia guardado uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, presente do filho. Sentada no sofá, abraçou-se a ela.

— Eu não tenho mais o meu filho comigo, Otacílio.

— Que isso, Lívia!?! Do que você está falando? O Heitor sempre foi “safo”, conhecia aquela Kiss como ninguém.

— Não, tu não estás entendendo — repetia ela. — O meu coração está rasgando...

— Meu amor, tu tens que te acalmar. O Heitor está bem.

— Ele não está mais aqui, eu sinto — insistia.

Otacílio pegou a esposa pelo braço. Eles precisavam descer a serra e agir. Ao deixarem a casa da rua Alcides Rerter, a consultora ótica telefonou para a sobrinha Bianca Oliveira, 38 anos, pedindo ajuda para achar Heitor. Eram quase quatro da manhã quando o casal chegou ao Pronto Atendimento Municipal de Santa Maria, o PA do Patronato, exatamente no momento em que umas meninas retiradas do incêndio davam entrada na unidade hospitalar. A cena era de horror.

— Otacílio, o telefone dele não atende — disse Lívia, sem saber o que fazer.

— Tenta de novo — insistiu o marido, enquanto buscava notícias sobre Heitor na recepção, onde Bianca já os aguardava.

Foi quando o celular de Lívia chamou. Era a namorada de Heitor:

— Dona Lívia, tem uma mulher atendendo o telefone do Heitor. Liga pra ela.

Lívia digitou o número e dessa vez alguém respondeu.

— Alô, quem fala? — perguntou, aflita.

A mulher do outro lado da linha não quis se identificar. Disse apenas que era enfermeira do Hospital de Caridade, quebrando o protocolo estabelecido para casos de emergência.

— Moça, eu sou mãe do Heitor. Eu me chamo Lívia. Como está o meu filho? Ele está queimado? Pisoteado? Como está o meu filho?

— Heitor Santos Oliveira Teixeira está muito mal.

— Como assim, moça? Como mal?

— Ele está muito mal. Acho que a senhora deveria vir para cá.

Diante da inesperada notícia, Lívia passou o telefone para o marido.

— Amor, nós precisamos ir para lá — explicou Otacílio.

Ela, o marido e a sobrinha entraram rápido no carro e partiram em direção ao Caridade. Lívia não conseguia raciocinar direito. Sentira-se mal durante todo o dia anterior e agora achava que tinha pressentido o episódio. Nunca imaginara, porém, que seus temores se concretizariam.

Otacílio não conseguiu se aproximar do hospital, que já estava muito movimentado, apesar de o dia não ter sequer amanhecido. Lívia saltou do carro com Bianca, enquanto Otacílio buscava uma vaga pela região central. No trajeto até a entrada do hospital, tia e sobrinha acabaram se perdendo uma da outra. Como havia muitos familiares, Lívia precisou pedir passagem para se aproximar da entrada. A consultora ótica foi vista de longe por Lucas, o filho de Eliane, a mulher que telefonara para Lívia. Correndo ao encontro dela, o jovem a acompanhou até os três brigadianos que controlavam o fluxo na entrada da unidade.

— Moço, eu sou mãe do Heitor, um jovem que estava na Kiss. Ele tem uma estrela tatuada no lado esquerdo. Me deixa entrar, por favor, ele está aqui.

— Mãe, como é o nome todo do teu filho? — perguntou um dos policiais.

— Heitor Santos Oliveira Teixeira. Ele tem 24 anos.

— Eu vou ver como ele está e volto aqui para dar uma notícia à senhora.

Lucas deu a mão a Lívia, tentando confortá-la. Quando o brigadiano retornou, Lívia percebeu que a expressão dele estava transformada:

— Mãe, Heitor Santos Oliveira Teixeira acabou de entrar em óbito.

Lívia ficou surda.

— Meu Deus do céu, o que eu vou fazer da minha vida? Eu estou sozinha. O que eu vou fazer da minha vida? — desesperou-se.

Olhando ao redor, ela não enxergava mais aquela multidão. Sentiu uma dor tão profunda que teve dificuldades para respirar.

— O que meu filho diria para mim neste momento? Reage, reage — falava a mãe de Heitor para si mesma, tentando manter a sanidade.

Ao enxergar a tia em meio ao tumulto, Bianca se aproximou. Lívia tentava se recompor. Tirou forças não sabe de onde para comunicar à sobrinha que entraria para fazer o reconhecimento do corpo do único filho.

— Não, tia. Não faça isso agora. Você não está em condições. Eu vou entrar no seu lugar.

— Então eu vou para casa avisar a tua vó — afirmou, sem conseguir visualizar o caminho de volta.

Aos 83 anos, dona Neusa Santos Oliveira não tinha ideia do que estava acontecendo fora do apartamento de fundos, na rua dos Andradas. Quando Heitor saiu de casa na madrugada de domingo, a idosa ainda estava acordada.

— Meu filho, você vai deixar o computador ligado?

— Vou, sim, vó. Só vou à Kiss entregar um trabalho.

Heitor se aproximou da avó e a beijou, despedindo-se.

— Eu volto logo.

Quando a chave girou novamente no trinco da porta, o dia já havia clareado. Dona Neusa estava sentada em sua cama.

— Heitor? Heitor?

— Não, mãe, sou eu — disse Lívia, na sala, sem saber como contar a ela que o neto não voltaria mais.

* * *

Eram quase oito horas da manhã de domingo quando a notícia da morte do filho de Lívia chegou a São Pedro do Sul, município encravado entre sítios paleontológicos. Os donos da loja onde a consultora ótica trabalhava havia quatro anos tinham ido passar o fim de semana no sítio Santa Terezinha, propriedade de oitenta hectares em Carpintaria. Marta Beuren, 61 anos, ainda dormia no quarto rústico quando o marido a chamou.

— Marta, nós vamos ter que voltar para Santa Maria porque parece que pegou fogo em uma boate e a cidade está um caos. Disseram que há umas vinte pessoas mortas e o filho da Lívia é uma delas — comunicou Sílvio Beuren, 62 anos.

— Meu Deus! O Heitor estava com quantos anos?

— Parece que tinha 24.

— Que tristeza! Coitada da Lívia. Como ela está?

— Não sei ainda, mas imagino o sofrimento dela. Os dois sempre foram muito ligados — respondeu o comerciante, arrumando-se.

Chocada com a notícia, Marta fez uma prece em favor de Lívia. Logo que terminou, perguntou por Silvinho.

— Sílvio, você ligou para o Silvinho?

— Eu tentei ligar, mas ele não atende.

Marta lembrou que havia falado com o caçula por telefone no final da noite de sábado. Havia muito barulho ao redor do rapaz de 31 anos, cabelos castanhos e olhos azuis, que fazia um baita sucesso com as gurias.

— Filho, tu és um safado — dissera Marta, rindo, ao telefone. — Tu mentiste pra mãe!

Ele deu uma gargalhada do outro lado da linha.

Marta referia-se à conversa que haviam tido no início da tarde daquele sábado, quando Silvinho contara a ela sobre a morte de Linus, o cachorro de 18 anos de idade criado no sítio da família, onde o jovem trabalhava no cultivo da terra.

— Tu enterraste ele? Arrumaste tudo direitinho? — perguntara Marta.

— Não, mãe, eu joguei ele no mato.

— O quê? Jogou no mato?

— Ah, mãe. Eu não ia quebrar a cadeia alimentar, né? Tinha que largar ele no mato para os outros

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Todo dia a mesma noite"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).